



Arthur Augustus King

EVOCÇÃO DO PROF. DOUTOR ANTÓNIO CRUZ

O Prof. Doutor António Augusto Ferreira da Cruz (1911-1989) entrou para o quadro docente da Faculdade de Letras da Universidade do Porto no Verão de 1962 e aí trabalhou até à sua jubilação como professor catedrático.

Ao iniciar, com mais de 50 anos, uma carreira no magistério superior, subira já todos os degraus do mérito profissional no domínio das bibliotecas e arquivos. Essa trajectória principiara na Universidade de Coimbra, onde frequentou, com êxito, Direito, logo preterido pela licenciatura em Ciências Históricas e Filosóficas e em, complemento, pelo curso de biblioteconomia e arquivística. No ensejo, revelou vocação para a ordenação e análise de documentos antigos, num quadro de pesquisa, que soube desenvolver, quer à frente do Arquivo Municipal do Porto, quer enquanto director da Biblioteca Pública da mesma cidade, em cujo exercício ganhou nome e prestígio.

A aptidão para a investigação, vazada no ofício de historiar, servida pelo gosto e conhecimento das escritas antigas, foi-lhe reconhecido na altura do recrutamento dos primeiros encarregados de curso da restaurada Faculdade de Letras do Porto. Entre os eleitos de então, possuía António Cruz a mais vultuosa bibliografia — enriquecida pela publicação de inúmeros documentos originais em matérias que se estendiam desde a Idade Média ao oitocentismo — e a isso somava experiências docentes realizadas no secundário, pois, não pudera aceitar, evocando razões familiares, um convite de Damião Peres para o assistir na Universidade de Coimbra.

E Damião Peres, Lopes de Almeida, Paulo Merêa e Joaquim de Carvalho tinham, entre os mais, cunhado a sua passagem pelo meio intelectual conimbricense, como cunharam o seu modo de olhar e fazer a história.

Na Faculdade de Letras do Porto, ensinou História da Cultura Medieval, pondo em relevo o papel dos scriptoria e dos manuscritos na formação e guarda do saber; debuchou os progressos da Paleografia portuguesa em cadeira própria, a que muito queria; deu relevo, em História de Portugal Moderno, a temáticas ligadas à perda da independência e ao domínio filipino, tirou do esquecimento o labor económico-estatístico de Cutsódio Vilas Boas; aperfeiçoou ou reestampou estudos antigos e outros novos sobre as navegações, além de insistir no valor, já da pedagogia pombalina, já da regeneração, nestes casos por exigência de provas académicas, exigência que, aquando do doutoramento, o levou a debruçar-se sobre o legado cultural de Santa Cruz de Coimbra.

Na verdade, ao invés dos que pretenderam carreiras académicas realizadas à margem das obrigações legais, António Cruz sujeitou-se a todas as provas, e todas concluiu, apadrinhado pelos seus mestres de Coimbra, sujeito a críticas veementes dos júris e ao azedume dos que malquistavam o reaparecimento da Faculdade sob a égide do ministro Leite Pinto e, sobretudo, dos mestres de Medicina imperantes na Universidade.

Aliás, é sabido, nos bastidores da reanimação daquela escola, ao longo de anos, a pena, a persistência, a astúcia de António Cruz fizeram serviço ao reitor Amândio Tavares e conselho junto de Luís de Pina, o qual, através do Centro de Estudos Humanísticos, reacendera o facho institucionalizador.

Pelos meados de 60, já doutorado, bateu-se António Cruz com oportunidade, para que a direcção científica da Faculdade, não permanecesse, nem em mão estranha às Letras, nem à carreira académica regular, tanto mais que a escola era vergastada, com dureza, já por congéneres, duvidosas da sua validade, já pelas correntes que o sectarismo ideológico afastara das suas salas.

Uma vez no poder, primeiro como delegado do reitor Correia de Barros — um universitário exigente — e, ulteriormente, como director da Faculdade, António Cruz estimulou duas políticas fundamentais, a saber:

- 1 — a formação de quadros próprios, oriundos da casa;*
- 2 — a abertura de novos cursos.*

Quanto, ao segundo aspecto, por obra sua, surgiram as licenciaturas em Românicas (1969) e Germânicas (1972), que ele quis orientadas, aquela por uma ilustre catedrática recrutada em Lisboa, esta por uma mestra doutorada em Coimbra. Para a instituição da Geografia (1972), recorreu a uma metodóloga do ensino liceal, interessada na investigação.

E, antes do mais, uma vez catedrático, cuidou do estabelecimento do Conselho Escolar da Faculdade, mediante a promoção, por concurso, de professores das áreas de Filosofia, Românicas e História da Arte.

A sua tarefa maior desenvolver-se-á, todavia, no plano da formação de quadros e na área conexas da pesquisa e publicação dos seus resultados em livros e revistas. Assim, como responsável pela secção de história, estimulou a elaboração de dissertações de licenciaturas originais — fundadas em indagação arquivística, combinada com a lição dos nossos autores antigos — algumas das quais editou ou ajudou a editar.

Demais, encorajou os assistentes a não descuidar as suas teses de doutoramento, opondo-se a uma corrente minoritária que sonhava com acessos administrativos. Persistente, instou à colaboração nas revistas da Faculdade dos professores regentes e dos docentes no início da carreira, outrossim propondo que alicerçar os textos figurassem fontes originais, novamente exumadas. E ele próprio participou activamente em tal processo.

Por via de intervenções parlamentares, o nome de António Cruz anda, também, ligado à experiência, nas Faculdades de Letras, de cursos superiores breves, a que foi usado o nome de bacharelatos. Esses cursos tiveram vida efémera, o que não diminuiu a justeza da filosofia que esteve na sua raiz.

Rumo ao decanato, António Cruz combateu pares seus, logrou, porém, manter apartados da Faculdade os ventos de políticas mesquinhas (e arbitrarias) relativas à contratação, viver e progressão académica das gerações que chegaram depois da sua. Convicto e determinado, cumpriu, é certo, as ordens de um poder duro, avesso a mudanças de fundo. Com jeito raro, soube injectar o gosto pela investigação entre estudantes e assistentes, aconselhou e praticou, uma escrita clara, bem como o enfeixe em livro, ou artigo útil, de reflexões lineares pelos documentos sugeridas. Quase nunca tomou conhecimento de que a capacidade de trabalho da maioria ficava à quem da sua e menor era o ritmo de escrita e fala dos outros, armas que manejava com destreza, decerto traída pelo hábito de facilitar. Ao contrário de tantos, teve o dom de escolher discípulos, que, por isso mesmo, maioritariamente, reconhecem as qualidades de que era senhor.

Funcionário do Estado, educado em ambiente monárquico, com uma juventude tingida por laivos radicais, revelou-se, afinal, consonante com as regras predominantes do jogo político, ao longo da sua existência. Fluiu, partidariamente, em omnímodos postos culturais e políticos, até ao 25 de Abril, mas não ilidiu a profissão. Penou em silêncio, afastado da cátedra e ocupado na gestão industrial, durante o período revolucionário. Sob a democracia, voltou, com a habitual assiduidade, sem azedume

visível, à cadeira de Paleografia, aos conselhos, de tal sorte que foi homenageado por colegas e estudantes ao atingir o limite de idade, em 1981.

E se, nas décadas iniciais da Faculdade restaurada, avultou o magistério de outrem, que, pela arte da palavra, pela exigência crítica, pela capacidade de relacionar e sugerir, pelo bom saber, prendia os auditórios, a António Cruz deve-se, sem sombra de dúvida, a par da expansão da escola, a boa escolha de docentes, o fomento da pesquisa, a salvaguarda da necessidade de imprimir os resultados e as reflexões produzidas, sujeitando-as ao juízo da comunidade científica. Deve-se-lhe, ainda, a prevalência de um clima de companheirismo e entreaajuda, senão de tolerância, no labor quotidiano.

Pelo gesto de fundar, pelo estímulo à investigação, pelo gosto do texto impresso em novos documentos baseado, pela escolha de professores-investigadores a fazer, pelo apêlo à vigência de uma fraternidade em linha recta aurida na utopia da Coimbra velha, foi António Cruz um universitário, um servidor da Universidade do Porto, cidade líder da antiga terra da Maia, onde nasceu e repousa.

À sua memória consagramos, por isso, este número da Revista.

Luís A. de Oliveira Ramos